

O RE-VERSO DA CRIAÇÃO EM PROSA POÉTICA_ UM RE-CRIAR HUMANO
“A ILHA DESCONHECIDA FEZ-SE ENFIM AO MAR, À PROCURA DE SI
MESMA”

Gean Paulo Gonçalves SANTANA*

Universidade do Estado da Bahia- UNEB

fratergean@yahoo.com.br

RESUMO: Com o intuito de avançar nas águas densas e profundas do imaginário, pleno de significantes que se desdobram em múltiplos significados de novos significantes, este texto guia-se pelo universo imagético presente no livro do Gênesis, em suas “coordenadas metafóricas”, pedra de toque do valor cognitivo (RICOEUR, 2009), com o intuito de apresentar um outro olhar, ver e reparar da Criação, a partir do **Conto da ilha desconhecida**, de José Saramago e, para isso, busca explicitar-se a partir da experiência construída sob o olhar atento, silencioso e determinante de outro referente, incansavelmente interpretado como o “mal” da história – a personagem feminina. Nessa reflexão cosmogônica, não há buscas por verdades, mas uma nova interpretação, conferindo sentidos novos e/ou corroborando os que anteriormente foram veiculados no processo de reconstrução societária à procura das ilhas desconhecidas, ou o desencadear de um novo rito de passagem que possa configurar-se em um novo processo de nomeação, identificação e reconhecimento do episódio da criação na contemporaneidade – nossa humanidade perdida.

Palavras-chave: imaginário, re-criação, ilha desconhecida.

“Se podes olhar, vê.
se podes ver, repara!”
Livro dos Conselhos

Olhar, ver, reparar! Quando possível, uma itinerância da microscopia humana.

Versar sobre o fazer–viver experiência¹ a partir de um olhar sócio-histórico-religioso que privilegiou recortes pelos limites estabelecidos nas fronteiras é ponto

* Professor assistente da Universidade do Estado da Bahia, mestre em educação e contemporaneidade.

¹ Experiência é uma palavra composta da preposição ex com um verbo de uso antigo – Peri -, que significa tentar, experimentar, correr perigo. Explicitando mais os componentes desta palavra transliterada encontramos os seguintes significados: “EX”: esta preposição latina significa sair de, estar fora de, de dentro para fora, além de outros sentidos. “PERI”: tem um sentido de ao redor de, em torno de, isto é, conhecer, ver o mundo e a vida por todos os lados, dos diversos ângulos e “ÊNCIA”: do latim “scientia”, significa ciência, conhecimento, saber. Um conhecimento que o ser humano adquire quando

nevrálgico para se perceber olhares e conceitos estabelecidos e constituídos nas inter-relações de modo a aprofundar concepções de homem, de sociedade e de mundo que, na contemporaneidade, encontram-se em silêncio e enclaustração. Esse reverberar torna-se necessário, visto que, segundo Boff (2008, p.21), “tudo o que existe coexiste. Tudo o que coexiste preexiste. E tudo o que coexiste e preexiste subsiste por meio de uma teia infinita de relações onicompreensivas”. Quiçá, um “re-ver” em torno do anonimato da “fabricação” de imagens que, “enlatadas”, paralisam, petrificam e ocasionam uma anestesia da criatividade do imaginário e o nivelamento dos valores, numa indiferença espetacular. (DURAND, 2010).

Com o intuito de avançar nas águas densas e profundas do imaginário, pleno de significantes que se desdobram em múltiplos significados de novos significantes, correndo o risco de “morrer na praia”, esse tecer-navegar vale-se do universo imagético presente no livro do Gênesis, em suas “coordenadas metafóricas”, pedra de toque do valor cognitivo (RICOEUR, 2009, p.67), com o intuito de apresentar um outro olhar, ver e reparar da Criação, a partir do “conto da ilha desconhecida”, de José Saramago (2013), uma reflexão que narra a itinerância de um homem que se coloca à porta das petições da casa do rei para pedir-lhe um barco e, com este, navegar ao encontro da ilha desconhecida.

É pré-tensão desta análise explicitar-se a partir da experiência construída sob o olhar atento, silencioso e determinante de outro referente, incansavelmente interpretado como o “mal” da história – a personagem feminina e sua inter-intra e extra relação com o personagem pedinte. Isto porque, “se a verdade é criada, então ela é uma espécie de erro. Uma verdade é apenas um erro mais aceito pela moral, talvez por ser um erro necessário” (Nietzsche, apud CAMARGO, 2008, p.95).

Então, que não seja a busca da verdade, mas uma nova interpretação, conferindo sentidos novos e/ou corroborando os que anteriormente foram veiculados no processo de reconstrução societária à procura da ilha desconhecida; ou o desencadear de um novo rito de passagem que possa configurar-se em um novo processo de nomeação, identificação e reconhecimento do episódio da criação na contemporaneidade – nossa humanidade perdida.

1.0 - A procura do novo Édem – resistência do imaginário

sai de si – ex – e se confronta com o mundo, com as pessoas, com as coisas e com a realidade – Peri. Experiência não significa apenas ciências, mas é também consciência. (RECH, 1998, pp.21-22).

Essa tessitura, apropriando-se da ideia de que “um galo sozinho não tece uma manhã” e de que o amanhã, aparentemente, próximo-distante, é tecido-estaleiro do/no sonho existencial, princípio de humanidade, e que este, em sua concepção construtiva civilizatória, não-ocidental, não dicotomizou as estruturas antropológicas do imaginário (Durand, 2002), deseja (re)velar nuances da poética do Criador/Criatura que com dedos de artistas pintou a grande aquarela: o Universo que, em sua expansão cósmica inter-extra-intra, revela-se, simultaneamente, diurno-noturno na formação das imagens que, segundo Durand apud Wunenburger (2007, p.20) arraigam em três sistemas reflexológicos que esboçam a infraestrutura da sintaxe das imagens: os reflexos posturais, digestivos e sexuais; estruturações que fazem do imaginário um mundo de representações.

Para tanto, esse re-mar discursivo busca na linha do horizonte poético, aurora-crepuscular, emergir o senso do dito popular que diz: “sonho que se sonha só é somente sonho; sonho que se sonha junto é realidade” _ um conhecimento “bussular” que, como a grande estrela do oriente, indica o caminho das pedras, perdido no ocidente por tantas portas que ora se fecham, ora são abertas, em conformidade com os jogos de convivência e conveniência do poder por “desejar ser considerado, e com muito orgulho, o único herdeiro verdadeiro de uma única verdade” (DURAND, 2010, p.7).

Assim, ao navegar nas águas misteriosas dos discursos eclesiais utilizando-se do Gênesis e pensar outro processo de criação se fez necessário. Os discursos eclesiais têm raízes históricas e compreendê-las se torna imprescindível para não se cair em interpretações puramente dogmáticas e/ou abstratas. Mesmo que não se intencione fazer uma descrição desse quadro histórico, é possível observar que, ao longo desses séculos, existem episódios que possuem marcas consensuais e divergentes em relação ao uso e práxis religiosa e do poder instituído: clericais e “políticos”, sobretudo, quanto aos modelos de cristianismo: colonial, conservador, reformista e popular, influenciando na construção identitária por serem dissolvidos-inculcados na mentalidade de povos cristianizados e/ou submetidos a esse fato.

Segundo Pablo Richard (1989), até 1930 o modelo de cristianismo da Igreja, representado em seus discursos e práticas, aponta para uma Igreja elitista, oligárquica fomentadora e concessora de poderes individualistas, “monárquicos” e, por isso mesmo, desinteressada dos problemas sociais do povo que apenas participa como massa passiva nas grandes concentrações. Exerce seu fascínio na propagação de congressos

eucarísticos, na devoção religiosa, entre outros. É uma Igreja extremamente europeizada, conseqüentemente, uma cópia romana. Diante desse quadro, e buscando referência em Bourdieu, em seus escritos sobre a economia das trocas simbólicas, o mesmo diz que Weber está de acordo com Marx ao afirmar que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social, contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para a “legitimação” do poder dos “dominantes” e para a “domesticação” dos “dominados” (BOURDIEU, 2007A, p.32). Essa ideia-modelo revela também, sua concretude nos muitos que ocupam cargos diretivos de poder concentrador. Uma aparente democracia “monarquizada”, religiosamente catequética em prol da manutenção dos ditos herdeiros da verdade.

Nesse lançar-se ao mar, aqui compreendido como a análise da narrativa de Saramago, assim como nas sensações do processo da realização onírica, não busca uma linearidade explícita, tão pouco aprofundar verbetes em torno dos conceitos apresentados; no universo imagético, quanto mais simples, mais se compreende, mesmo que dentro de uma teia complexa de significação. O viver dessas experiências é a porta de entrada para um olhar mais próximo-distante, no intuito de (re)velar nuances do que somos e do projeto em ser-mente libertárias, como Criador-Criatura. Para tanto, disse poeticamente, Teixeira de Pascoaes (1998, p.109), “sabe que em vão nasceste, que para desfazer-se a névoa escura, dos meus olhos importa estar presente, outro sol, outra aurora, outro oriente...”.

1.1 – No princípio era o verbo...

“Dá-me um barco”. Eis o desejo fundante, gênese de uma magistral aventura de transformação intra-inter-extra humano-societária; um encontro de si mediante um outro. Um verbo que a exemplo do “abre-te, sésamo” encarnou-se de tal forma que se tornou parábola epifânica de grandes tesouros. Fez-se autoridade; “verdadeira matriz arquetípica” (WUNENBURGER, 2007, p.20) do cavaleiro, navegante, retirante que não teme em recobrar o que lhe é por direito. Ao tornar-se pedinte, o personagem deitando-se ao comprido no limiar da porta das petições da casa do rei, “esvaziou-se de si mesmo”, preparando-se por passar entre os vários “buracos de agulhas”, instrumentos imprescindíveis para cingir o cisma civilizacional de uma sociedade adormecida-entorpecida _ “entrópica”, condicionada ao desaparecimento e à morte (DURAND,

2010, p.119). Pedir um barco é rememorar toda uma potencialidade significativa, visto se tratar de uma imagem primitiva e universal.

Na história da literatura humana o barco é um dos símbolos mais ricos, seja por transportar mortos, promover conquistas e redenções, bem como salvar povos de catástrofes e/ou conduzir o ser à enigmática terceira margem. Desejar um barco não significa na narrativa fechar-se em si mesmo. O barco é instrumento para se chegar a outro habitat: a ilha desconhecida _ terra fértil, nome e sobrenome originário de homem: húmus (BOFF, 2003). Mais que berço, é óvulo e útero a fecundar o sonho.

Se aquele a quem é solicitado soubesse o sentido e as sentenças profundas do verbo e do seu objeto, “dá-me um barco” (SARAMAGO, 2013, p.3), indubitavelmente, se entregaria ao propósito: ir ao encontro da ilha desconhecida, conseqüentemente, ao encontro de si mesmo. Contudo, preso à porta dos obséquios à que “sempre” se encontrara, o rei, constituído “único herdeiro e senhor da verdade”, aparente-mente, dono da resposta e sentindo-se dono de tudo, não percebia o enclaustro a que fora acometido em sua jornada existencial. Expulso do “interior de seu interior”, tornando-se seco em meio a um Oásis de riquezas aparente, e iludido pelo jogo intrigante da serpente, serpenteia no delírio de sua “inopinada” onisciência-onipresença-onipotência. Dessa forma, como era possível alguém lançar-se à aventura de ir à procura de algo desconhecido, dado a sua inexistência? Como alguém ousara tal empreendimento, visto que tudo já havia sido informado, cartografado, possuído? Tal argumento há de se fazer pensar, pois, de acordo com Durand (2010, p.120), “quanto mais uma sociedade é ‘informada’ tanto mais as instituições que as fundamentam se fragilizam...”. Assim, nessa cena, é possível reparar o pensamento “diabólico-separador” do rei pelo fato de “absolutizar o seu pequeno discernimento, como se fosse o discernimento absoluto” (STORNILO, 1991, p.22).

Desse modo, a retórica do pedinte causa ao rei assombro deixando-o desconcertado, visto que tal solicitação exigia respostas e novas perguntas gestoras de imagens com suas estruturas polarizantes: mística, heróica e cíclica (DURAND apud Wunenburges, 2007, p.21) e, a demora poderia ocasionar conflitos e tensões, “aumentar gravemente o descontentamento social, o que por seu turno, ia ter imediatas e negativas conseqüências no afluxo de obséquios” (SARAMAGO, 2013, p.3); tal reflexão corrobora-se com a ação do “coro” presente na narrativa, pessoas que esperavam na porta das petições e vizinhos que, assistindo o reverberar do pedinte com tranquila firmeza, convalidam o pedido e gritam “dá-lhe o barco, dá-lhe o barco” (Ibidem, p.4).

Um desfazimento de Babel_ Um provocar de movimento ascendente e descendente, respectivamente, um sair da caverna da mudez-cegueira para ir em busca de um novo mundo – ver a luz e, assim, reparar a nudez inter-intra e exterior de corpos ressequidos no jardim do monarca pelas presas profundas de serpente.

Mas, querer um barco!? Ir a procura de uma ilha desconhecida!? Vivendo no fluxo do não criar imagens, o rei esqueceu-se de que se fez imagem; então, eis que surge com uma réplica, no intuito de invalidar tal pedido, “e tu quem és, para que eu to dê?” (SARAMAGO, 2013, p.4) Não obteve resposta. Mas provocara uma nova réplica-imagem por parte do pedinte: “e tu quem és para que não mo dê?”(Ibidem, p.4). Nessa velada inquisição, eis que se desvela por desenovelar a imagem do dono da árvore que se localiza no meio do jardim, e, por isso, possuidor de todas as coisas: “sou o rei deste reino, e os barcos do reino pertencem-me todos” (Ibidem, p.4).

A força que não emerge do centro, e sim da periferia, revela a sensibilidade efêmera do poder central_ um pensar em torno da poética de ruptura: uma releitura da tradição. Quem sabe um refazimento da itinerância humana que, em virtude da dita mobilidade, traço da modernidade, lhe fora suprimido o tempo e o espaço volatilizado. Também, traço da serpente, ser engana-dor do/no jardim que na inoperância vende ilusão e aparência. Afirma Giddens:

O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando formações entre outros ausentes, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico, isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distintas deles (1991, p. 27).

E, nesse (des)confluir de imagens, em que o sólido se desfaz e o uno se diversifica, em que entra em jogo a ideia do novo, quando aparentemente surgia do discurso do rei um significado para o signo, matriz e motriz da cristalização do poder cumulativo, dito “onipotente”, o reverberar do pedinte desdobra-se em um novo signo, desvelando novos significados, construtores de novas vertentes, princípio fecundo, como o vento que outrora pairava e fecundava o grande vazio quando apenas existia o “Verbo”. Nesse ir e vir de sonoras imagens, veiculadas pelo discurso do pedinte, eis que surge um micro germe, imagem nascente, embrião do novo Édem: liberdade “ad-infinitum” que, na inteireza do seu pedido, imprime um primeiro golpe àquele constituído “senhor do Jardim”: “mais lhes perecerás tu a eles do que eles a ti. Tu sem

eles, és nada; e que eles, sem ti, poderão sempre navegar” (SARAMAGO, 2013, p.4). Um princípio de isomorfismo no imaginário, “pelo qual o pequeno pode agir sobre o grande porque é um concentrado de seu poder, e pelo qual o grande pode tornar-se pequeno por uma simples mudança de escala” (BACHELARD apud WUNENBURGER, 2007, p.38).

Nessa propensa aquarela, entre ditos e não ditos, sobressaem não respostas “enlatadas” impregnadas de uma total “liberdade de desinformação” (DURAND, 2010, p.119) nem, tão somente as veiculadas por aqueles que acumulam capitais com suas “bondades” enganadoras, “o que é teu é meu, o que é meu não é teu e, somos livres”. Surgem, sim, perguntas esfíngicas: “conhece-te, a ti mesmo?! Um reparar, minuciosamente, das partes do todo, bem como o todo feito em partes, desvelando estruturas figurativas próprias do Homo sapiens que é também Homo symbolicus _ uma imagem representativa deixada sob escombros do tempo em que a ironia faz-se arma discursiva.

Esse pairar do vento, discursivo-persuasivo, simbiose do homo sapiens-homo symbolicus fez surgir a concretude do pedido, como outrora fez surgir o universo (Gn, 1). Assim, o rei, que há muito havia se perdido, em ter apenas o nome rei, escreve sobre o ombro da mulher da limpeza o cartão de doação: “entrega ao portador um barco, não precisa ser grande, mas que navegue bem e seja seguro, não quero ter remorsos na consciência se as coisas lhe correrem mal” (SARAMAGO, 2013, p.4). Define a doação em escrita indefinida. Consciência ou um passar de responsabilidade? Um possível (re)velar da ambiguidade humana.

Diante dessa realidade tão presente no presente, a ambiguidade humana, o pedido do pré-tenso navegador faz perceber aos olhos-consciência da mulher da limpeza, que o olhara com cara de caso, que a pretensão absolutista do rei despojou o povo, denotando perdas consigo e com os outros, revelou sua nudez _ motivo da cegueira diante da ilha desconhecida, conseqüentemente, a perda de acesso à árvore da vida, ou seja, essa potencialidade do humano em colocar-se sempre à procura do desconhecido_ um navegar imerso na ex-peri-ência da busca infinita de si, do tempo e do espaço; morfemas sempre em meta-morfose.

Interessante é que, antes mesmo que o homem levantasse a cabeça denotando que iria agradecer a dádiva, o rei desaparecera em sua inoperância fantasmagórica de sua condição humana. De prontidão, encontrara, tão somente, a mulher da limpeza “a olhar para ele com cara de caso” (SARAMAGO, 2013, p.5). Uma cumplicidade

construída no âmago de sua existencialidade, afinal, mais do que abrir portas e fechá-las, seu olhar de caso representava a própria crença de abertura necessária ao navegador. Uma anti-Eva. Aquela que fizera o caminho inverso_ incluiu, incluindo-se, incluindo-o; sai da caverna enganadora, domínio da serpente rei; liberta-se da aldraba de bronze a que estivera presa por tempos lacunais, um círculo vicioso de manutenção do poder, e nunca de transformação, para seguir o navegador em seu itinerário rumo à Arca da nova aliança à procura do tesouro perdido: novos céus e nova terra.

Convicta do chamado interior que recebera, por presenciar tamanha revelação, a mulher da limpeza emerge-se do “reino” submerso em dilúvio humano. Por isso, vale ressaltar que a ilha desconhecida torna-se para ela uma imagem que representa uma espécie de intermediário entre um inconsciente não manifesto e uma tomada de consciência ativa _ “chave que dá acesso ao aposento mais secreto e mais recalcado do psiquismo” (DURAND, 2010, p.36), daí, o seu resignificar –ressignificante ao colocar-se nessa procura da nova terra onde “corre leite e mel”.

Assim, nota-se que o sistema de crença personificado no homem pedinte e o explicitar do lugar-desejo almejado revelam as estruturas plurais e irreduzíveis articuladas pelo imaginário humano. Nesse sentido, o desejo fundante em encontrar a Ilha desconhecida, conduzindo-o a pedir um barco, ou o simples deslocar fincando os pés e/ou deitando-se como corpo insepulto na porta das petições e sua determinação tranquila denotam atos heroicos, místicos e disseminadores, classes que gravitam ao redor dos processos matriarcais do “separar, incluir e dramatizar” (DURAND, 2010, p.40). Sua performance explicita uma nova ótica relacional, maior-menor _ menor-maior, revelando discernimento quanto ao uso da Pa-lavra; traz para dentro de sua crença outros olhares-atitude, a exemplo, o coro dos vizinhos e de outros pedintes que estavam nas imediações da porta das petições, bem como a sinergia da mulher da limpeza que com extrema firmeza, ao presenciar o desfecho do “verbo e seu objeto”, desabita a casa das tantas portas inoperantes e encarna no sonho da ilha desconhecida, assim, ao ouvir a aldraba chamando-a, “deu a volta e saiu com o balde e a vassoura por outra porta, a das decisões, que é raro ser usada, mas quando é, é” (SARAMAGO, 2013, p.5).

Assim, para além da indubitável certeza, a mulher da limpeza se arma como uma amazonas, porta consigo nesse deslocar o balde e a vassoura _ escudo e espada, a espera do por vir, visto que desde o primeiro contato com o homem pedinte, se fez

interiormente protetora da concretude do sonho com gestos construtivos de reflexos posturais. Uma premonição do por vir, visto que, no futuro da narrativa, quando enfim:

[...] entrou no barco, duas coisas lhe valeram aí, a vassoura do palácio e a prevenção contra as gaivotas, ainda não tinha acabado de atravessar a prancha que ligava a amurada ao cais e já as malvadas estavam a precipitar-se sobre ela aos guinchos, furiosas, de goela aberta, como se ali mesmo a quisessem devorar. Não sabiam com quem se metiam. A mulher da limpeza pousou o balde, meteu as chaves no seio, firmou bem os pés na prancha, e, redemoinhando a vassoura como se fosse um espadão dos antigos, fez debandar o bando assassino (SARAMAGO, 2013, p.7).

Assim, ao sair da porta das petições atravessando a porta das decisões assumiu o plano da subversividade rompendo com o poder dominante. Sua vassoura-espada no decorrer da narrativa pouco a pouco corporifica sinais de potência e de pureza, visto que a espada é um símbolo mítico apolíneo _ uma luminosidade requerida quando do desbravar do mar. Arma-se para a grande cruzada mar adentro, mar afora no enfrentamento dos monstros a se (re)velar. Nessa perspectiva Gilbert Durand reverbera:

Figurar um mal, representar um perigo, simbolizar uma angústia é já, através do assenhoreamento pelo cogito, dominá-los. Qualquer epifania de um perigo à representação minimiza-o, e mais ainda quando se trata de uma epifania simbólica. Imaginar o tempo sob uma face tenebrosa é já submetê-la a uma possibilidade de exorcismo pelas imagens da luz. A imaginação atrai o tempo ao terreno onde poderá vencê-lo com facilidade. (DURAND, 2002, p.123).

Abrir a porta das decisões e atravessá-la sentenciou o fim do continuísmo vivenciado pela mulher da limpeza em abrir e fechar a porta das petições. Segundo a personagem “as portas que realmente queria já foram abertas” (SARAMAGO, 2013, p.6); seu desejo mais profundo era limpar barcos. Esse romper de estruturas estruturantes ocasionou um pisar sobre a cabeça da serpente enganadora, que há muito a impedia de olhar, ver e reparar o passado, presente e o futuro; é a concretização de um profundo embate existencial que parece apontar para um princípio rizomático de imagens que se interpenetram atravessando a mulher da limpeza em um estimulante jogo de novas ideias e ideais. Rememora-se com isso um dito ancestral da criação: “viu que tudo era muito bom” (Gn. 1,31). Uma via lírica que se constitui como travessia na narrativa; um caminho de expressões, sendo, re-sendo, mudando e re-mudando invenções subversivas contra as formas de enclaustro.

Esse entregar-se ao sonho desconhecido, matriz e motriz da humanidade perdida, servira para reparar que era hora de parar de ver o espaço das portas, casa do rei, como uma máquina perfeita de medir o tempo. Lá o todo não era igual e, desde a sua constituição ideológica, seus moradores não realizavam sincronicamente as mesmas coisas nos mesmos momentos, visto que era um Édem aparente.

A mulher da limpeza, ao romper com a porta das petições e atravessar à das decisões, mesmo que re-sendo um jogo metafórico, denota a viabilidade em conseguir um novo pensar – experienciar humano e, assim, modificar em si mesma o quadro fantasmagórico promotor do enclaustramento que, pouco a pouco, se alargava naquele espaço dito de todos, mas posse de uns. Visto que estes últimos, serpentinamente, ludibriaram “desmoronando” as possíveis portas da liberdade que foram sonhadas quando no princípio só havia o Verbo em sua inteireza de sacralidade: mentor do equilíbrio entre o homem, a sociedade e o universo, substantivando a todos e o todo (in)existente.

2.0 - Um contar regressivo de ascendência humana...

Diz a Palavra, no Livro do Genesis, que no sétimo dia, último dia da criação, o Senhor descansou, visto que o universo havia se constituído, e ele observara que “tudo era muito bom”! (Gn, 1).

No conto da ilha desconhecida, diz Saramago que um homem “deitou-se ao comprido no limiar da porta das petições da casa do rei” (SARAMAGO, 2013, p.1). Um deitar que em essência não revela descanso, mas um desconcertante ato germinal, princípio de uma nova criação/criatura. Mais do que um deitar, fez-se descida. Um repousar estruturador-estruturante para sentir-se próximo às entranhas da mãe terra e, assim, explodir em broto, flor e fruto em sua itinerância à procura do desconhecido. Um processo de aglutinação de elementos místicos, maternos e de encaixe, alimentos necessários ao encontro da humanidade perdida. Este é o princípio da narrativa.

Se na narrativa do Genesis tudo estava em seu lugar, no conto da ilha, os lugares haviam sido penetrados pela ausência de lugar. Espaços fantasmagóricos assombravam com sua nevoa de ilusões e aparência corrompendo as retinas da consciência humana. Era preciso que um sonho revelasse a possibilidade de um enfrentamento entre grandes e pequenos e a consecutiva vitória do poder minoritário pela astúcia e crença de que “navegar é preciso” _ é perigo.

O fascínio e o perigo em avançar em águas oceânicas, espelhos de desdobramento de imagens do eu e símbolo do duplicado (DURAND, 2002) são, simultaneamente, veneno e remédio ao navegador, mas é justamente no discernimento desses elementos que se encontra a redenção necessária ao ideal da nova criatura/criação/criador. Sem discernimento é grande o perigo em ficar-se preso ao ter e esquecer-se de que há na solidão sonhada uma solidariedade compartilhada. Entender que há sempre alguém a espreitar sonhos. Não, tão somente, como ameaça destrutiva, mas como a terra que anseia pela semente que cairá em suas entranhas, explodindo-se em vida crescente ou, sonoramente, como o córrego que, em sua singeleza, vai deslizando mansamente ao encontro com o grande mar _ uma regularidade singular da essência presente em toda criação.

Diz Dom Helder Câmara (1909-1999), religioso pernambucano que vivera a muitas experiências em deslocar e deslocar-se com seu discurso catequético libertador: “Não, não pares! É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa, manter o ritmo... Mas a graça das graças é não desistir, podendo ou não, caindo, embora aos pedaços, chegar até o fim”. Contudo, se não há abertura dos sonhadores, estes podem deixar por passar o elo de cumplicidade tecida do mesmo sonhar à revelia do conhecimento. No conto da ilha desconhecida é revelado que “é deste modo que o destino costuma comportar-se conosco, já está mesmo atrás de nós, já estendeu a mão para tocar-nos o ombro, e nós ainda vamos a murmurar” (SARAMAGO, 2013, p. 5). Por isso, no futuro dessa narrativa, quando a noite invade o barco e ao azulado das águas do mar, a mulher da limpeza não perde o seu propósito e se faz presença-presente ao lado do homem.

Desse modo, ao ver o homem pedinte deitar-se no limiar da porta das petições, e a mulher da limpeza ao sair pela porta das decisões, percebe-se que ambos embarcaram em um navegar de cumplicidade humano-existencial; um remar divergente do habitual societário, em que as fichas simbólicas estão em (des)uso por uns poucos (GIDDENS, 1991), por isso, é tecido e tessitura da nova vida sonhada a bordo de uma consciência que propicia um atar e desatar de nós; conduz à libertação/ liberação do humano e corrige as miopias sociais, políticas e ideológicas – “os caprichos humanos”.

Enquanto o homem deitava no limiar da porta das petições, sua companheira estava sendo germinada para que no futuro, tão presente, se fizesse ventre de acolhida do sêmen esperança carente de consciência fértil e, assim, não perdesse de vista o fio condutor da Palavra que, em si, se fez verbo e a substantivou. Diz Monique Augras que

“a palavra, em si, já é ação. No pensamento lógico, palavras servem apenas de intermediário. No pensamento mítico as palavras são coisas. Um simples palavra domina o mundo” (1967, p.10).

A profundidade do ato de deitar do homem que desejava um barco revela o sono profundo que o homem na narrativa do Gênesis sentiu quando de sua costela se originava uma auxiliar que lhe fosse semelhante (Gn, 2,20-21). Nesse constituir onírico, o homem pedinte e a mulher da limpeza “tornam-se um para o outro a revelação do que cada um é” (STORNILO, 1991, p.17) _ protagonistas de uma nova unidade humana societária.

O fincar e sair de portas desses personagens potencializou as grandes utopias, rememorando que os homens são donos, não só das ciências, mas de inúmeras possibilidades em saber fazer e fazer saber, germes da criação – novas criaturas. Isso, porque somos um mundo em construção permanente. Desgastar o mundo é desgastar e desgastar de nós mesmos_ uma breve reflexão da inopinada atitude onipotente do rei que não consegue, sequer, imaginar um caminho oceânico que conduza à ilha desconhecida.

Assim, a mulher da limpeza ao deixar o palácio e ir ao encontro do navegador, mesmo que este “não tenha ainda sequer começado a recrutar os tripulantes, já leva atrás de si a futura encarregada das baldeações e outros asseios” (SARAMAGO, 2013, p.5), coloca-se a diante, faz-se companheira, cúmplice na/da jornada distanciando das crostas pretensiosas do rei que não consegue olhar, ver e reparar. Em silêncio ascuta o mais profundo de seu desejo humano, sua fertilidade cônica desejosa de fecundidade libertária, por isso, antecipa a escolha da caravela sem mesmo revelar sua presença e sua escolha ao Homem pedinte e ao Capitão que, à beira do Porto, dialogam a respeito da Ilha desconhecida e do barco navegável a navegar.

Impressiona o diálogo entre o propenso navegador e o capitão real. Assim como o rei, o capitão do rei questiona a atitude do propenso navegador, visto que não se tratava de um marinheiro, não possuía carta de navegação, conseqüentemente, não sabia navegar. Contudo, a firmeza eloquente do homem que do princípio se fez verbo e que não teme em ir à busca da ilha desconhecida, predica: quanto ao navegar, “aprenderei no mar”(SARAMAGO, 2013, p. 6). Por isso, diz com estrema segurança: “dá-me antes um barco que eu respeite e que possa respeitar-me a mim” (Ibidem, p.6). E, descortinando a cegueira do Capitão do rei, sentencia-o: “é estranho que tu, sendo homem do mar, me digas isso, que já não há ilhas desconhecidas” (Ibidem, p.6).

Magistralmente, rememora um ato experiencial, também curtido por aqueles que se permitem lançar a aventura do desconhecido, tornando-se pergunta-resposta de si mesmos. Deflagra um golpe certo na ausência de faróis no porto-consciência dos navegadores reais, “homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcarmos nelas” (SARAMAGO, 2013, p.6). A cada sentido e sentença proferidos pelo navegador, mais cumplicidade este adquire da mulher da limpeza; uma desconhecida que se fez conhecer em pensamento e atos.

O porto, o diálogo e o admirar do barco fizeram o último “descasular” da mulher da limpeza que, tirando o véu de sua ausência, tão presente, proclama a escolha que havia feito _ uma caravela. Embarcação que os conduziria à Ilha desconhecida: “é o meu barco, é o meu barco” (SARAMAGO, 2013, p.6). Não um meu “egoístico” e, sim, um meu pluralístico – simbiose do eterno verbo flexionado na primeira pessoa do plural.

Não apenas um barco, cognato que generaliza. Uma Cara-vela. Duas raízes imprescindíveis nessa intersecção humana. Um buscar identitário pautado na liberdade do singrar mar afora os mares adentro. Velas que no imaginário ambientam asas que conduzem ao luminoso existencial necessárias para dominar o mar, o mundo, o universo, uma grande tarefa descrita no Gênesis (Gn 1, 28); diz o dito popular “nas asas da imaginação todas as coisas se tornam possíveis”. Diz o conto que “as velas são os músculos do barco, basta ver como incham quando se esforçam, mas, e isso mesmo sucede aos músculos, se não se lhes dá uso regularmente, abrandam, amolecem, perdem nervos das velas” (SARAMAGO, 2013, p.7).

Homem e mulher, Cara-vela em transformação contínua a navegar no infinito das transformações em busca do transcendental, dominando e dominando-se. Um contemplar do alto, fecundo de soberania, ausente da tirania em ter; simples-mente ser. Construto de posturas ascensionais. E assim, olhar, ver e reparar o abissal marinho no caminho rumo à ilha desconhecida. Um exercício constante para manutenção do humanizar-se.

Ao fincar os pés na Caravela, a mulher com olhar e visão de lupa, associados ao esquema da elevação e aos ideais da transcendência, com retidão moral (DURAND, 2002) percebe com nitidez “a arte de marinharia” (SARAMAGO, 2013, p.7), colocando em confronto a luminosidade de uma consciência crente no impossível e a caravela ressequida e abandonada pela descrença evocando a imagem do “herói solar” (ibidem,

2002), enquanto o homem sai à procura da tripulação que acaba por não encontrar, visto que estes disseram ao homem, a exemplo do rei e do capitão do rei, que “já não há ilhas desconhecidas, e que, mesmo que as houvesse, não iriam eles tirar-se do sossego dos seus lares e da boa vida dos barcos de carreira para se meterem em aventuras oceânicas, a procura do impossível” (SARAMAGO, 2013, p.8). Bem dizem teóricos de plantão que cabeça pensa onde os pés estão fincados. Quão profundas são as presas da serpente que com sua calda traz para si a todos, envenenando-os com seu mundo de ilusões e desesperança, provocando profundas cegueiras de consciência.

Mas a tripulação necessária estava completa: o homem navegador e a mulher da limpeza, constituídos imagem e semelhança do outro. Mesmo que uma loucura, a mulher não teme em assumir tão grande desafio. Isto porque, a sinergia entre as personagens explicita um copular de sonhos. Arriscam na aventura de ir ao encontro da ilha desconhecida. Dialogam com a arte de filosofar, fazem vir às claras o pensamento por vezes “adormecido, entorpecido, entrópico”. Assim, diz o homem navegador que, mesmo tendo outros ofícios, quer encontrar a ilha desconhecida para saber quem o é quando nela fincar os seus pés, pois segundo o personagem “se não saís de ti, não chegas a saber quem és” (SARAMAGO, 2013,p.8).

Nesse confluir de ideias e ideais rememora a mulher da limpeza um dito do filósofo do rei, “todo homem é uma ilha” (Ibidem, p.8). Mas habituada a ser apenas a mulher da limpeza, do coser, não se imaginara nessa aventura magistral do lançar-se para fora, imergindo-se para dentro; de certo, o filósofo com suas filosofias não se entregava à arte de filosofar: olhar, ver e reparar a si e o mundo à sua volta, por isso, temia em mergulhar no grande mar, espelho da duplicidade, à procura da ilha desconhecida. Da intimidade dialógica entre os personagens explicita a ideia de que “é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós próprios” (Ibidem, p.8).

A mulher fértil e cônica da viagem faz o homem conhecer a caravela, diz que é necessário conhecer por dentro o que se conhece por fora, descer na profundidade do bem conquistado para saber melhor fazer uso da arte de marinhar.

A noite chega à caravela, invade a proa e convida os dois tripulantes a descerem a escada secreta rumo ao desconhecido. A mulher se faz mentora nessa jornada para que o homem navegador não confunda a descida com queda, isso porque a ausência de uma tripulação e das mil coisas necessárias a abastecer a viagem e a ausência, também, de discernimento poderia levar a uma inopinada conclusão. Eis que a mulher em sua

imponência partilhada conduz o navegador a uma entrega visceral em busca do primeiro desejo: ir ao encontro da ilha desconhecida. Outrora saíra pela porta das decisões e não tornaria a passar por ela. Esse descer coloca em evidencia o papel das cores noturnas, seus matizes motores de múltiplas interpretações e seus sons que de melodias transformam-se em ruídos (DURAND, 2002). Em contrapartida, aproveitando-se da dimensão terapêutica do esverdeado da noite convidam-se a dormirem. Deitam-se sob a luminosidade lunar, medida do tempo e do eterno retorno à humanidade perdida. Surge daí, a triunfal transformação da Cara-vela. Mulher e Homem, do sono–sonho, protagonizando uma nova criação-criatura-criadores. E, interseccionados barco-Ilha-Édem penetram na profundidade do sonhar tornando-se para os tripulantes ossos se seus ossos, carnes de suas carnes, e nestes, um para o outro um só habitar, um só corpo em coordenadas que não se encontram em meridianos e paralelos e, sim, na mente humana.

Nesse copular, homem e mulher se constituíram caminho e caminhada ao descerrarem uma nova realidade: um novo mundo é possível e, no Édem da existência humana re-criado “viram que tudo era muito bom!” (Gn 1,31). E, assim, “a Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma” (SARAMAGO, 2013, p.12), revelando que o humano é um eterno encontro consigo à procura do outro.

Referências

- AUGRAS, Monique. A dimensão simbólica. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1967.
- BIBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. Paulinas, 1990.
- BOFF, Leonardo. Ética e eco-espiritualidade. Campinas: Verus Editora, 2003.
- _____. Ecologia, mundialização, espiritualidade. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- DURAND, Gilbert. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad. Renée Eve Levié. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.
- PASCOAES, Teixeira de. Arte de ser português. 3ª. Ed. Lisboa. Assírio & Alvim, 1998.
- RICOEUR, Paul. Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação. Lisboa/Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

SARAMAGO, José. O conto da Ilha desconhecida. In:
<http://pt.scribd.com/doc/147849300/Jose-Saramago-O-Conto-Da-Ilha-Desconhecida>.

Acesso em 14/06/2013.

STORNILOLO, Ivo. BALANCIN, Euclides M. O livro do Genesis: origem da vida e da historia. São Paulo: Paulinas, 1991.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. O imaginário. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.